

THE DARK FORCES WILL EAT YOU UP, PRETTY GIRL.

YOUR KNIFE, MY HEART

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

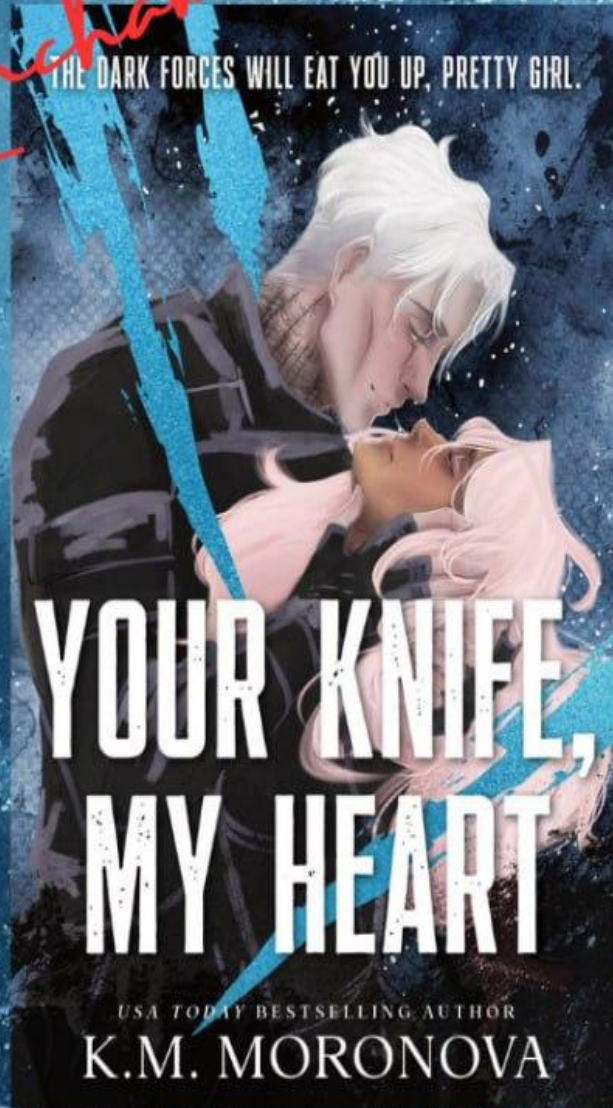
K.M. MORONOVA

Enchanted



DARK FORCES

Sancharmenta



DARK FORCES



REBEL'S

SINOPSE

Sombrio. Mortal. Irresistível.

Cameron Mortem tem um problema... ele não consegue parar de matar seus parceiros. Oficialmente considerado clinicamente insano, ele também é um dos ativos mais letais das **Forças das Trevas**, uma brutal operação militar clandestina baseada em obediência, sobrevivência e silêncio. Mas uma droga experimental fragmentou seu controle, tornando-o um risco sempre que outra pessoa está em campo. Como punição, ele é jogado de volta nos **Testes Subterrâneos...** um campo de treinamento implacável projetado para quebrar os fracos e afiar os implacáveis.

Sua única ordem? Não matar a novata.

Emery Maves escapa por pouco de uma sentença de morte após seus próprios crimes brutais, apenas para se ver forçada a entrar no mesmo mundo violento. Designada para Cameron, espera-se que ela sobreviva aos Testes e à natureza instável de seu parceiro. Mas Emery rapidamente percebe que há mais em Cameron do que sede de sangue e contagem de corpos. Por trás da loucura, existe um fascínio aterrorizante... e uma estranha e perigosa ternura.

À medida que os Testes os levam ao limite, Emery deve navegar pelas demandas brutais das Forças das Trevas enquanto resiste à atração de um homem que poderia tão facilmente matá-la quanto protegê-la. E Cameron deve lutar contra o único impulso que ele nunca conseguiu superar.

O vínculo entre eles é intoxicante, caótico e nascido da violência. E, se não os destruir, talvez apenas os salve.

*Para aqueles que sempre se apaixonam por um homem fictício que
pode ou não te deixar sem vida.*

AVISO DE CONTEÚDO

O conteúdo deste livro pode ser perturbador e causar gatilhos para alguns leitores. Trata-se de um romance militar sombrio ambientado em um cenário fictício. As “**Forças das Trevas**” são uma operação clandestina fictícia que eu criei e não representam, de forma alguma, operações militares reais. Locais/bases específicos são fictícios, mas baseados em fatos reais.

Este livro se passa dez anos antes de *Leave Me Behind*, mas é completamente independente.

Se você é sensível ou se ofende facilmente com algum dos assuntos abaixo, por favor, não leia este livro.

Este livro inclui o seguinte: violência física, cenas de sexo explícitas, humor mórbido, cenas sangrentas explícitas, morte, linguagem explícita, comportamento sexista, trauma de guerra, representações de missões militares, transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), assassinato, personagens com problemas mentais, automutilação, abuso grave de substâncias, uso forçado de substâncias, profanação de cadáveres.

PRÓLOGO



CAMERON

Dizem que os soldados das Forças das Trevas são como ferramentas nas mãos dos verdadeiros demônios do mundo. Somos um segredo sujo. As armas quebradas, varridas para debaixo do tapete quando chega a nossa hora de expirar.

Só que eu não pretendo morrer aqui no exército clandestino. Não pretendo morrer de jeito nenhum. Vou ser o melhor entre esses soldados corruptos. Quero ser como o Tenente Erik e subir na hierarquia ao lado dele. Ele é o único que esteve ao meu lado nessa minha vida miserável. O único que já cuidou de mim.

É por isso que meus polegares estão enfiados até os nós dos dedos nas órbitas oculares de algum idiota qualquer. Ele grita e o som delicioso disso me deixa com as pernas bambas.

— Oh, não me olhe assim. Você está gostando disso tanto quanto eu, Titan. — respondo bruscamente ao meu camarada, que me lança um olhar de desprezo a poucos metros de distância. Seu equipamento tático preto está manchado de sujeira e sangue, assim como o meu. Seus óculos de proteção estão no capacete, deixando um anel limpo ao redor dos olhos, enquanto o resto do rosto está imundo.

— Mori, nunca gostei do jeito que você faz as coisas. Anda logo com isso, porra? Meu estômago está embrulhado só de olhar. — Titan se vira e cobre a boca como se fosse vomitar. De todas as coisas grotescas ao nosso redor nesta cabana abandonada no meio do nada, o que estou fazendo é o que menos me dá náuseas.

Reviro os olhos. *Tudo bem.*

Meus polegares escorregam das articulações do soldado. Seguro firmemente minha pistola com uma mão enquanto abro sua mandíbula cerrada com a outra.

— Abra. Bem. — Articulo as palavras de forma exagerada, como se estivesse alimentando uma criança. Meu sotaque britânico fica carregado com a pronúncia lenta.

O homem geme quando o metal da minha arma roça seus dentes ensanguentados. Eu a empurro até o fundo de sua garganta, fazendo-o engasgar e se debater impotente antes de puxar o gatilho. Seu corpo relaxa instantaneamente.

Uma onda de alívio e euforia percorre minhas veias enquanto inclino a cabeça para trás, encarando o teto que desmorona. Uma risada maníaca escapa da minha garganta enquanto limpo as luvas manchadas de vermelho no meu colete, lançando um olhar para Titan.

Seus olhos se estreitaram, desconfiados. *Ugh. Novatos.* Pisquei lentamente, tentando decifrá-lo. O Esquadrão Fúria é só para os homens mais depravados. E, francamente? Acho que esse cara não tem o que é preciso. Nem de longe. Sei que ele passou nos Testes Subterrâneos e tudo mais, mas é muito inexperiente. Muito ingênuo e evasivo.

Não sei por que o General Nolan continua prendendo criminosos como ele. Eles não têm futuro. Não mesmo. Não como eu.

Meu sorriso irônico se alarga enquanto Titan desvia o olhar.

Talvez seja melhor para todos se eu simplesmente me livrar dele. *Eis uma ideia.*

Meus dedos tremem sobre o gatilho da minha pistola, e Titan não deixa de notar o movimento.

— Eu juro por Deus, vou cortar sua cabeça fora, Mori. Não faça isso — Titan murmura com desdém. Ele levanta seu M16 e aponta para a minha cabeça. Ele sabe do meu segredo obscuro, nem tão secreto assim. Todo mundo sabe, agora que isso virou um problema.

“Oh, ele é ousado”, penso, deixando um sorriso discreto surgir no canto dos meus lábios enquanto levanto as mãos inocentemente. — Não faço ideia do que você está insinuando. — *Mas a ideia de deixá-lo sem cabeça não é tão ruim assim.* A proteção de pescoço dele pode ser facilmente puxada para baixo, já que não está presa corretamente, e o capacete está muito solto. Percebi isso assim que embarcamos no helicóptero esta manhã. Um puxãozinho seria suficiente para estrangulá-lo. Um corte limpo...

Meus lábios se fecham e eu balanço a cabeça. *Não, eu não vou fazer isso. De jeito nenhum.*

Titan não abaixa a arma por um minuto sequer, mas eventualmente baixa a guarda. Arrasto os corpos dos nossos alvos para o canto do prédio abandonado. As Forças das Trevas enviarão alguém aqui para limpar a sujeira assim que concluirmos esta missão.

Pego o novo tipo de comprimidos que Nolan está testando em mim e coloco três na boca antes de partirmos.

Voltamos à base para nos reagruparmos com o resto do esquadrão. A barba escura e desgrenhada de Titan ainda tem cinzas grudadas da fogueira que acendemos mais cedo para nos distrair. Meus olhos se desviam para sua garganta, e preciso morder a língua para tentar evitar pensar novamente em sua morte.

Conto quantas vezes pego minha faca de combate e imagino cortar a cabeça dele. Ele não deveria ter me feito pensar nisso. Sempre piora quando eles me atacam de forma específica.

Não vou matá-lo como fiz com meu último parceiro.

Eu não farei isso.

Não vou.

Todos nas Forças das Trevas sabem que eu tenho uma falha fatal. Que Mori, o membro mais prejudicial do Esquadrão Fúria, tem um problema catastrófico.

Sabe, eu simplesmente não consigo parar de matar todos os meus parceiros diretos. Sim, acho que sou um pouco perturbado, mas você meio que precisa ser para estar nas Forças das Trevas, não é? O Tenente Erik me escolheu por um motivo, e gosto de acreditar que foi porque ele viu algo perverso em mim que sabia que nunca encontraria em mais ninguém. Porque ele precisa de alguém como eu no esquadrão, alguém capaz de fazer o impensável sem questionamentos.

Problemas de abandono. *Eu sei.* Um soldado de 27 anos é velho demais para isso, certo? Mas terapia não é um luxo que podemos nos dar, não para as forças clandestinas descartáveis.

Quando retornamos à nossa base temporária, o Tenente Erik já acendeu uma fogueira crepitante com o resto do Esquadrão Fúria reunido ao redor dela. Ele não se abala ao me ver coberto de vermelho; apenas olha para meu uniforme manchado de sangue e suspira. O quê? Ele espera que o meu trabalho seja limpo? Encaro com raiva o julgamento nos olhares dos outros. Thomas e Gage trocam um olhar desconfortável enquanto Kayden pressiona a mão contra a boca.

— Mori... você contou como eu mandei? — Erik pergunta, franzindo a testa e demonstrando sua decepção. Seus cabelos escuros estão despenteados por causa do longo dia.

Ergo uma sobrancelha e aceno com a cabeça. Um sorriso malicioso se espalha pelos meus lábios antes que eu perceba o porquê.

— Então, o que é isso que você está segurando? — Ele parece irritado.

Meus olhos descem até minhas mãos molhadas e pesadas que seguram a cabeça de Titan. Seus olhos estão opacos e não consigo me lembrar de quando fiz isso.

Que droga.

Se eu continuar fazendo isso, eles mesmos vão me eliminar, independentemente de eu ser o rato de laboratório que sobreviveu por mais tempo ou não.

CAPÍTULO UM



EMERY

O trem para quatro vezes a caminho de Bellingham, Washington. Os únicos indicadores da minha localização são as placas das estações que se aproximam e os anúncios do condutor pelo sistema de som para os passageiros comuns.

Um suspiro cansado escapa dos meus lábios, e me pego desejando ser um dos civis simplesmente viajando para a cidade vizinha.

Estou algemada e acorrentada. Quatro soldados armados estão posicionados nas duas saídas, e um general do exército está sentado à minha frente, fumando um charuto. Ele bate nele ocasionalmente, deixando cair cinzas na bandeja abaixo, enquanto me avalia.

Não sou especialista no sistema judiciário, mas não acho que criminosos em situações como a minha sejam normalmente tratados dessa forma. Por outro lado, suponho que minha situação seja um pouco... *peculiar*.

Duvido que soldados com uniforme tático preto, acompanhados por um general, normalmente cheguem à cela de um assassino notório às três da manhã, o joguem no chão, o amordacem, o amarrem e o sequestrem de uma prisão enquanto o chefe da guarda e o diretor assistem fumando seus charutos fedorentos. Certo? Ou estou delirando?

Porque acho que acabei de ser sequestrada em uma operação militar, mas não reconheço seus distintivos, nem suas vestimentas. E não consigo imaginar o governo aprovando algo assim. Sabe, *imagem pública* e tudo mais.

Então, que diabos está acontecendo?

Me remexo no banco de couro, desconfortável com as correntes que mantêm meus tornozelos a apenas dez centímetros de distância um do outro.

Após um curto trajeto de carro para longe da prisão, os guardas me obrigaram a entrar em um prédio onde me fizeram tomar banho e trocar de roupa. Presumi que isso fosse para evitar chamar mais atenção do que o necessário. Logo em seguida, as algemas foram colocadas em mim novamente e embarcamos em um vagão particular de um trem com destino a Bellingham, Washington, de todos os lugares.

É estranho que eles não estejam escondendo o local de mim, não é? Talvez isso não seja realmente um sequestro.

Meus olhos não se elevam para encontrar o homem sentado à minha frente enquanto pondero sobre diferentes cenários. Ele está vestido com uniforme militar preto e bate o dedo na mesa, o que me deixa nervosa.

Ele equilibra o charuto na borda da bandeja e tira outro de uma caixa sobre a mesa, oferecendo-o a mim. Desvio o olhar, lançando um olhar silencioso para fora. Passamos por Seattle há uma hora, e a vista tem sido apenas a baía, barcos de pesca e nuvens de tempestade. O metal parece mais frio em meus pulsos quanto mais contemplo a imensidão do mar, quão grande e vasto é o mundo, e o quanto o meu se tornou menor em tão pouco tempo.

Eu nunca fui verdadeiramente livre para experimentar o mundo como todo mundo. Mas sempre me fascinou... uma vida livre da Família Mavestelli.

— Sabe, fiquei chocada a princípio quando li o que uma jovem encantadora como você fez. — Sua voz me assusta por um segundo. Foram horas de puro silêncio, e eu já havia me acostumado com isso.

Sinto uma estranha sensação de peso no lado esquerdo do meu peito quando as pessoas dizem isso. Talvez seja porque não sinto o choque como elas sentem. Ou talvez seja a compreensão de que há algo profundamente errado comigo.

Parece que não consigo mais sentir quase nada. Provavelmente é melhor assim, porque não quero nem imaginar o que estaria sentindo agora. Desespero. Medo. Arrependimento. Esses homens não parecem ser do tipo dos guardas de terno com quem meu pai trabalha. As Famílias geralmente não usam roupas formais, e esses caras definitivamente têm cara de militares, então não sei que destino me aguarda.

Também não sei se é melhor ou pior.

O homem à minha frente acende o charuto e guarda a caixa de volta no bolso do peito. Finalmente, nossos olhares se encontram.

Seus olhos são castanho-claros, tão opacos que quase parecem cinzentos. Seu cabelo cor de fulvo está raspado nas laterais, um pouco mais comprido no topo, o suficiente para que ele possa penteá-lo para o lado. Uma barba por fazer contorna a metade inferior do seu rosto, tornando seu maxilar mais proeminente. Um perfume esfumaçado, cor de mogno, preenche o ar ao seu redor... um aroma que associa a homens ricos e problemáticos que frequentam boates e têm dinheiro de sobra para gastar. Ele é bonito para alguém que eu presumo ter por volta de quarenta anos. Mas o jeito como ele me encara, tão vazio, me deixa perturbada.

Quem é ele? Por que uma prisioneira como eu está sendo transferida antes de ter a oportunidade de me defender em tribunal?

Ele pigarreia. — Não esperava que uma jovem da sua criação fosse tão... bem, violenta. Nascida na linhagem Mavestelli, a família mais rica da Costa Oeste, nada menos. É chocante, especialmente vendo o quão pequena você é. — Minha garganta seca ao ouvir meu sobrenome sair de sua boca. Há uma escuridão que paira em seu olhar. Como se ele estivesse me testando. Não deixo minha fachada inexpressiva ruir. Ele sacode o jornal que carregava debaixo do braço e lê: — *Mulher de 24 anos finalmente é capturada após os crimes hediondos de dez assassinatos confirmados nos últimos quatro anos.* — Eu me encolho ao ouvi-lo ler a manchete com tanta indiferença. Estou acostumada a ouvi-la com mais desprezo e repulsa.

Parece mais apropriado sentir-me horrorizada do que indiferente, o que só aumenta minha suspeita em relação a esse policial. Calma e inteligência transparecem em seus movimentos. Como se ele já tivesse feito isso um milhão de vezes.

Ele usa a ponta da caneta para abrir minha pasta lateral, uma pasta de papel pardo com apenas algumas páginas e um excesso de fotos das minhas vítimas. — Emery Cecilia Mavestelli. Esse é o seu nome completo, correto? — Seus olhos se voltam para mim apenas o suficiente para me ver assentir. Ele ergue levemente a sobrancelha antes de continuar com seu discurso. — Vamos abreviar seu sobrenome para Maves, como consta na maioria dos seus documentos de identidade falsos. Só por precaução, caso haja problemas com os outros cadetes, por você ser quem é.

Soltei um pequeno suspiro.

Maves está a salvo. Depois do fiasco público dos meus crimes, se alguém souber que meu sobrenome é Mavestelli, estou morta. Não dá para saber quantos assassinos estão me procurando.

Esse cara me deixa nervosa. Observo os soldados, tentando entender a situação, mas eles nem sequer piscam na minha direção. Enrolo ansiosamente algumas mechas do meu cabelo rosa pastel entre os dedos. Meus pais sempre odiaram que eu o pintasse dessa cor, mas é a minha favorita e combina com o tom oliva da minha pele. Sem falar que é o mínimo que eles podem me deixar fazer por ser a executora deles.

— Bem, hoje é seu dia de sorte, Emery. — Ele fecha a pasta e entrelaça os dedos enquanto pressiona os lábios contra eles, escondendo seu sorriso maníaco. — Você está sendo arrancada do mundo civil e colocada nas Forças das Trevas. É um ramo militar do qual você nunca ouviu falar e nunca ouvirá, porque não existe.

Meus olhos se arregalam. *Uma filial secreta?* Pelo menos não estão ligadas a nenhuma das famílias que meu pai prejudicou. Uma pequena onda de alívio acalma meus nervos momentaneamente, porque qualquer coisa seria melhor do que uma família rival me pegar.

— É uma operação clandestina. Um dos segredos mais bem guardados do mundo. Essencialmente, você está conseguindo uma passagem para fora de uma sentença de morte. Serei seu guia de transporte até a base no Alasca, e você deverá me chamar de General Nolan.

Minhas sobrancelhas se franzem e uma expressão de desagrado se espalha pelos meus lábios. *Um general está me escoltando? Por que não mandar um cabo qualquer ou algo do tipo?*

— Espere, o quê? — Dou um beliscão na minha coxa para ter certeza de que estou completamente sã. Ele está insinuando que vou ser designada para as forças armadas, um ramo que nem existe. Por que eu? Não vou ser executada como os guardas da prisão estavam me provocando, né?

Nolan olha para mim novamente e aqueles olhos duros permanecem impassíveis. — Emery, você precisará ser muito mais esperta do que isso se quiser sobreviver aos Testes Subterrâneos.

Bato com as mãos algemadas na mesa. A xícara de café do general derrama e, no instante seguinte, os quatro soldados de guarda apontam seus rifles para mim.

— Que testes? *Que Forças das Trevas?* Vocês não estão falando coisa com coisa. Foi por isso que me sequestraram da minha cela? Levem-me de volta. Não tenho interesse em participar de mais nenhum circo. — retruquei.

Nolan levanta a mão passivamente ao lado do corpo, indicando aos soldados que abaixem as armas. — Não é uma escolha. A partir de hoje, qualquer vida que você tinha antes acabou. Para a sociedade, você está morta. Se enforcou na cela de madrugada e foi levada sob a supervisão do diretor. Eu mesmo assinei sua certidão de óbito esta manhã, então é melhor você se comportar se quiser sobreviver nas Forças das Trevas, Cadete Maves. Considere os Testes Subterrâneos como uma espécie de campo de treinamento, um campo de treinamento mortal. Não tenho certeza se você sequer chegará ao primeiro teste, considerando o que terá que enfrentar primeiro.

Ok. Ele está falando sério. Meu ritmo cardíaco aumenta.

Absorvo a gravidade da minha situação. Processo o que consigo, em seguida, respiro fundo, tentando me centrar. Não sei exatamente o que tudo isso implica, mas parece que vou escapar de apodrecer numa cela pelo resto da vida. Dá vontade de rir; justo quando finalmente aceitei meu destino, é claro que algo assim ia acontecer.

Abro os olhos lentamente e encaro Nolan. — Terei que matar pessoas? — É estranho dizer essas palavras em voz alta, mas certamente ele sabe tão bem quanto eu que tudo o que sempre soube fazer foi eliminar alvos. A linhagem Mavestelli é amaldiçoada... perversa.

Quem quer que sejam as Forças das Trevas, elas fizeram a sua lição de casa sobre mim.

O sorriso de Nolan é sinistro. — Claro, e se você se comportar como eu espero no treinamento básico, será alocada em um esquadrão pré-designado. Bem, há uma pequena parada antes de você entrar no Subterrâneo, mas lidaremos com isso quando chegarmos lá. — Há algo no brilho em seus olhos ao dizer essa última parte que me deixa apreensiva.

Ele está tentando me assustar, esperando uma reação. Venho treinando para matar desde que aprendi a ler, mas também fui treinada para manter minhas emoções sob controle.

Minha família não era normal nem afetuosa em nenhum sentido. O nome Mavestelli é apresentado ao público como o de uma família tradicional e rica, de alto perfil, quando na realidade estamos no topo do

mercado negro ilegal de tecnologia e informações, tipicamente conhecido como “submundo”. É perturbador o peso que alguns pedaços de papel ou um produto comum podem ter, os segredos que guardam.

E era meu trabalho garantir que os homens de terno fossem devidamente eliminados caso tentassem nos trair. Claro, eu preferiria estar lendo um dos livros antigos no meu escritório ou pegando os pincéis que não usava há anos para pintar os pensamentos sombrios e melancólicos que me atormentavam, mas qualquer que fosse meu desejo na vida, sempre ficava em segundo plano em relação a ser a executora.

Gregory Mavestelli, meu pai, me preparou não só para exterminar seus alvos silenciosamente com armas silenciadas e facas, mas também para pilotar barcos, aviões e helicópteros. Acho que ele planejava que eu me tornasse seu motorista ou piloto de fuga caso a situação ficasse crítica. Bem, esse poderia ter sido o plano se ele não tivesse me entregado aos federais para um acordo judicial depois que um informante o avisou sobre a operação secreta.

O que eu esperava? Que Greg levasse a culpa enquanto sua família vive uma vida tranquila e pacífica? Os Mavestellis nunca conheceram a paz.

E ele morrerá para que continue assim.

Fui sacrificada como bode expiatório.

Como esperado, eu era o único que as autoridades realmente queriam. Precisavam apenas de uma pessoa para satisfazer a demanda pública por justiça. Não se importam em desmantelar toda a operação. As pessoas com sangue literalmente nas mãos são a presa que lhes satisfaz.

Encaro o general sentado à minha frente. — Então, qual é exatamente o objetivo de estar neste esquadrão e fazer o trabalho sujo do governo? O que eu ganho com isso? Eu poderia simplesmente me recusar e pedir para você me matar agora mesmo. Isso nos pouparia muitos problemas, não acha? — digo com um olhar entediado, lançando um olhar para um dos rifles do guarda e pensando em como seria rápido.

Nolan estreita os olhos pensativamente antes de tirar um bilhete do bolso e jogá-lo em minha direção.

Desdobro o papel e vejo a palavra *renascimento* digitada em letras pequenas no centro. Há também um código de barras na parte inferior.

— É isso que todos os membros das forças clandestinas almejam. Aliás, retiro o que disse. Acho que alguns de nós gostam de ficar aqui nas sombras para sempre, mas a maioria quer o seu caminho para a liberdade. Uma segunda chance na vida e a oportunidade de conquistar a própria saída do inferno.

Um riso seco sobe pela minha garganta, e eu cubro os lábios, em vão. — Você está falando sério? Se eu receber um pedaço de papel idiota, é só isso? Estou livre?

Os olhos de Nolan são frios; seu sorriso me dá arrepios. — Isso mesmo. Fácil assim.

Deslizo o papel para ele e me recosto na cadeira, cruzando os braços. Não tenho certeza se ele está me contando tudo, mas não tenho muita escolha. — Qual é a pegadinha?

— Não há pegadinha. Você serve... e depois é liberada se merecer seus cartões.

Se.

Analiso-o cuidadosamente. Da malícia controlada em seu olhar à maneira intrincada como transmite informações, ele me lembra Reed. A ideia de não vê-lo novamente é talvez o único arrependimento que tenho.

Todo vilão experiente e incompreendido tem um mentor, certo? Bem, Reed é o meu. Ele era o prodígio da nossa pequena academia, entre todas as famílias do submundo. Embora tenhamos a mesma idade, ele sempre esteve pelo menos cinco anos à frente em tudo. Inteligente e perverso demais para o próprio bem.

Mas Reed me ensinou a fazer as pazes com meu destino como executora. Ele me mostrou como transformar as mortes em algo belo, a deixá-las com meu toque pessoal. Às vezes me pergunto se era apenas para ver até onde ele conseguia manipular minha mente. Reed sempre dizia que amava os monstros que vivem dentro das pessoas. Ele gostava, acima de tudo, de trazê-los à tona. E foi exatamente por isso que Greg fez de Reed seu braço direito.

— E quantos soldados das Forças das Trevas conquistaram seus cartões? — Minha perna se agita ansiosamente. Ele me deixa inquieta de uma forma que me faz sentir como se pedras estivessem sendo colocadas nos bolsos do meu casaco e eu estivesse prestes a ser jogada no mar.

— Nenhum até agora. — Nolan estala a língua e se inclina para a frente, apoiando-se nos cotovelos em um gesto provocador. — Mas você está se precipitando, Cadete Maves. Você pode nem passar da primeira noite.

— Isso é reconfortante — digo com naturalidade, um pouco incomodada com a falta de explicação sobre onde exatamente vou passar a noite antes do treinamento básico. *Não demonstre preocupação.* Forço uma expressão tranquila e levanto o queixo.

Seu sorriso cruel me diz que ele gosta de dar pequenas promessas de liberdade. Mas não tenho certeza se ainda me resta muita força para alcançar os resquícios de esperança. Já dei ao mundo tudo o que tinha.

CAPÍTULO DOIS



CAMERON

A câmara de isolamento não é tão ruim depois de trinta dias. Na verdade, até que gosto. Não há nada como ficar sentado com seus pensamentos e conversar com paredes cinzentas, tetos cinzentos e portas gradeadas cinzentas. Ficando se perguntando se você ainda é são ou se algum dia foi.

Estou de costas para o chão frio, com as pernas dobradas nos joelhos, enquanto jogo uma bola de elástico para o ar repetidamente. É meu único entretenimento, além de andar de um lado para o outro no quarto esperando o castigo acabar. Não é que eu odeie ficar sozinho... na verdade, eu prefiro, mas imaginar o que está acontecendo lá fora na minha ausência está me deixando louco.

Meu esquadrão precisa de mim. Já decepcionei o Tenente Erik o suficiente.

Dou uns socos com a palma da mão na lateral da minha cabeça. *Não vou matar meu próximo parceiro. Não vou.* Repito essas palavras na minha cabeça.

Não é que eu tenha essa intenção.

Meu Deus, quantas vezes já foi? Três? Minha mão congela com o pensamento e a bola de borracha bate na minha testa. Eu pisco e solto o ar lentamente. *Porra.*

Da última vez, precisei ficar isolado por apenas dez dias; quem sabe quanto tempo mais isso vai levar. Sento-me e vou até a pia, segurando as laterais da porcelana antes de me olhar no espelho. Meus olhos verdes estão mais opacos do que o normal ultimamente, e minha pele empalideceu consideravelmente sem a luz do sol.

Ajusto a bandagem sobre minha pálpebra e verifico se o corte cicatrizou mais desde que o Tenente Erik me atingiu no olho. Felizmente, não perdi a visão, embora ainda sangue ocasionalmente pela esclera. Está quase totalmente cicatrizado agora. Ainda não consigo

abri-lo completamente, mas não sou de reclamar. Jogo a bandagem na lixeira.

Me sinto muito bem, apesar de parecer que estou morrendo. Meu cabelo loiro claro e despenteado desbotou quase completamente. Isso é culpa das drogas que as Forças das Trevas me obrigaram a tomar; o tom castanho claro natural do meu cabelo clareou bastante. As olheiras me fazem parecer impiedoso. *Bem, não sou mesmo?* Balanço a cabeça e bato com a palma da mão na têmpora novamente.

Eu vou mudar. Não vou matar o próximo.

Em algum momento, enquanto estou absorto em meu discurso motivacional, a fechadura de metal raspa nas engrenagens e a porta da minha cela se abre. Inclino a cabeça, esperando ver Erik entrando para finalmente me buscar, mas não é ele quem aparece.

General Nolan?

Ele é alguns centímetros mais baixo do que eu, e eu tenho um metro e noventa e três, então ele não é baixo de forma alguma, mas o que me chama a atenção é a mulher de estrutura pequena ao lado dele, com cabelos rosa. Não rosa chiclete. Mais como uma rosa pastel desabrochando no final da primavera, com as pétalas se abrindo ao nascer do sol. Sua pele morena é macia e linda; seus olhos são diferentes de todos que já vi. Eles me penetram, tão dourados quanto uma tempestade encontrando um incêndio florestal.

Minha respiração falha e uma sensação de afundamento me invade o estômago. O que uma criatura tão ágil e delicada como ela está fazendo aqui? Forço meu olhar de volta para o general, esperando que ele não esteja prestes a fazer algo terrivelmente irracional.

Nolan me odeia com todas as forças. Tudo o que eu faço é criar mais papelada para ele, então faz sentido que ele me despreze. Ele está sempre tendo que recrutar novas pessoas do bando de criminosos, mas eu nunca o vi ser tão mesquinho.

Por favor, não faça o que eu acho que você está fazendo. Meus olhos percorrem minha cela bagunçada. O colchão com cobertores no chão está desarrumado, e minha escrivaninha no canto está coberta de papéis e livros espalhados descuidadamente, como se eu não tivesse classe.

Eu não estava esperando visitas.

Um aviso prévio teria sido bom. Esfrego a nuca, perturbado.

Nolan pigarreia e me lança um sorriso irônico. — Mori, decidi que você começará a conhecer sua nova parceira aqui na solitária, em vez de treinar outros para o abate. Assim, perde-se menos tempo, sabe?

Oh, sim, ele está furioso comigo. Espera, ele acabou de dizer minha *nova parceira*? Meus olhos se arregalam ao processar essa informação, e meu olhar volta para a pequena mulher ao lado dele. Ela parece submissa, parada hesitante com as mãos juntas à frente do corpo. Estou com dificuldade de imaginar o que alguém tão bem-educada quanto ela esteja fazendo envolvida com os assuntos das Forças das Trevas.

Ele dá um tapinha no ombro da mulher antes de empurrá-la em minha direção.

Ela solta um suspiro e se detém antes de se jogar direto no meu peito. Nossos olhares se encontram quando ela ergue o olhar, tendo que inclinar o queixo para encontrar o meu. Seus lábios macios estão a apenas alguns suspiros de distância.

Meus músculos da mandíbula se contraem e eu lentamente levanto o olhar para o general. — Isso *realmente* não é uma boa ideia. — Minha voz é baixa. Ele sabe que eu a matarei nos próximos dez minutos se me deixarem sozinho com ela.

Eu simplesmente não consigo evitar. Sou um soldado perturbado e desequilibrado, e ele sabe disso.

Nolan dá de ombros e acena com a mão atrás da cabeça enquanto murmura: — Um dia. É tudo o que você precisa me provar. Que consegue mantê-la viva por uma noite a sós, e então avançaremos com essa garota.

— Mas...

— Cale a boca! Estou farto das suas besteiras, Mori. Não vou desperdiçar mais soldados treinados com você. Você vai ser colocado em equipe com qualquer um que você não eliminar logo de cara. Entendeu? — Nolan grita. Sua voz ecoa pelas paredes, causando arrepios.

Assenti com a cabeça, lançando um olhar de soslaio para a pequena mulher ao meu lado. Ela parece tão frágil, com sua estrutura óssea delicada. Acho que eu conseguiria envolver seu pescoço com a mão inteira e... *Não. Não pense assim.*

— Ótimo. — Nolan atira o charuto apagado no meu peito. Ele cai no chão, com brasas ainda queimando em tom alaranjado na ponta. Ele enfia a mão no bolso lateral antes de estender a minha para mim. Eu já

sei que ele provavelmente tem alguns comprimidos para mim, então levanto a palma da minha mão ansiosamente para tocar a dele. Ele deixa cair três cápsulas; elas são pretas com a inscrição FT em letras brancas pequenas. Isso significa que são para uso exclusivo das Forças das Trevas. Nós sempre somos as cobaias para tudo que está sendo considerado para as forças “lá de cima”.

Suplementos, armas, treinamentos, o que você imaginar.

Este é um lote ao qual sou particularmente viciado e que eles estão ansiosos para colocar em testes finais. Eles querem o que todo exército disfuncional quer: soldados aprimorados. Esta série diminui minha sensibilidade a qualquer tipo de dor. Consigo enxergar melhor, correr mais rápido, fazer tudo... bem, melhor.

É simplesmente incrível. Eu rolo os comprimidos na palma da mão, encarando-os como se fossem a minha salvação.

O único problema é que eles me deixam completamente louco.

Nolan me encara com um olhar severo antes de sair. Ele nem se dá ao trabalho de dizer nada para a garota. A porta de metal bate atrás dele, e eu fico na pior situação possível. Um silêncio sepulcral preenche o vazio do pequeno quarto de cimento. Engulo em seco antes de me virar para olhar para minha nova colega de quarto, que em breve estará morta.

Seus olhos são como duas lâminas de aço. A desconfiança arde neles enquanto ela se encosta na parede oposta.

— Fique longe de mim! — ela rosna ferozmente. Não consigo evitar achá-la adorável. Quer dizer, pelo amor de Deus, o cabelo dela é rosa. Ela poderia muito bem ser uma cobrinha de jardim com uma mordida inofensiva. Meus olhos se suavizam enquanto a observo, decidindo que ela é linda demais para estar em um lugar como este. Ela só atrapalharia, como Titan fez.

E veja o que eu fiz com ele.

Eu sorrio sem esperança. — Vou tentar.

CAPÍTULO TRÊS



EMERY

A adrenalina percorre meu corpo. Fazem-se, talvez, dois minutos, e este homem já está debruçado sobre a pia com as duas mãos pressionadas contra os lados, enquanto a cabeça pende em apreensão.

Ele está agindo como se já tivesse me matado, e isso é muito perturbador.

Pelo que acabei de ouvir da conversa entre Nolan e ele, presumo que ele tenha um problema com assassinatos. Apostaria até que foi involuntário, pelo jeito que Nolan falou.

Ótimo. Não é a minha sorte mesmo?

Acho que não vou conseguir escapar dessa. Ele é facilmente o dobro do meu tamanho, e aqueles olhos frios e desconfiados me deixam inquieta. Engulo em seco e pondero minhas opções enquanto observo seus movimentos.

Nolan entregou algo para ele antes de sair. Não sei o que era, mas o cara engoliu tudo sem perder tempo. Podia ser qualquer coisa, mas aposto em algum tipo de droga. Analgésicos, talvez, já que ele tinha um corte recente no olho.

Observo-o atentamente. Ele é, sem dúvida, o ser humano mais atraente que já conheci, e isso me deixa ainda mais desconfiada. Nunca confiei em homens bonitos. Os que conheci me arruinaram de uma forma ou de outra. Seja com mentiras tóxicas ou com um completo desrespeito por mim como pessoa. Homens bonitos são perigosos.

Seu cabelo é loiro claro, praticamente branco. Ele tem o mesmo corte de cabelo que Nolan, mas mais comprido, provavelmente por ter ficado preso aqui por Deus sabe quanto tempo. Uma cicatriz vermelho-escura, ainda recente, desce verticalmente pelo seu olho esquerdo. Ele o mantém semicerrado, deixando apenas o direito visível. A cor dos seus olhos é o tom de verde mais lindo que já vi, algo entre verde-sálvia e

cinza. Seu olho bom se move hesitante na minha direção, lançando olhares furtivos para mim.

Seu moletom cinza-escuro lhe cai bem, mas ele continua levantando os braços e passando os dedos pelos cabelos, ansioso, levantando a barra da blusa e expondo os músculos do abdômen. Meus olhos se demoram neles mais do que deveriam.

Parece que não vou dormir pelas próximas vinte e quatro horas. Envolver meus braços com as mãos numa tentativa frágil de me confortar, mas só há ar e o tecido fino da minha camiseta entre mim e uma fera.

Ele finalmente se endireita e me reconhece. Eu me encolho contra a parede sob seu olhar pensativo.

— Parece que você está presa aqui embaixo com os lobos... porra. — Seu sotaque britânico é leve e melodioso. Temo que seja o mais encantador que já ouvi. Ele afasta algumas mechas de cabelo da testa, me encarando com os olhos semicerrados. — Qual é o seu nome, amor? — pergunta casualmente enquanto enfia as mãos no bolso central do moletom. Sua voz é como um arrepio do entardecer... uma melodia profunda na qual eu poderia fechar os olhos e me perder.

Hesito antes de responder, pensando que não faz sentido não lhe contar. — Emery.

Ele sorri de forma irônica ao ouvir minha voz trêmula.

— Meu nome é Cameron, mas a maioria das pessoas por aqui me chama pelo meu codinome, Mori. Pode me chamar do que quiser, não me importo. De qualquer forma, provavelmente não falaremos muito depois de hoje. — Franzi a testa diante do seu tom displicente. Ele realmente vai ser tão ousado assim? Agindo como se eu fosse simplesmente me entregar e morrer. Fechei as mãos em punhos.

Ele fala bem. Corretamente, ao contrário do que eu esperava, considerando sua aparência insensível, francamente, por estar aqui embaixo, numa cela das Forças das Trevas. Ele parece um brutamontes completo... aquele moletom não esconde seus músculos, mas é evidente que também existe um cérebro pulsante por trás daquele queixo anguloso e daqueles olhos curiosos.

O quanto é preciso para que ele se irrite? *Só há uma maneira de descobrir*, suponho, decidindo testar sua paciência.

— Mori? Como em morrer, em latim? — Meu tom condescendente me rende um sorriso ainda maior; seus dentes são brancos e perfeitamente alinhados.

Ele dá de ombros e murmura: — Alguns gostam de interpretar seu significado como '*conquistar*' — Um levantar sugestivo da sobrancelha faz meu coração disparar.

— Alguns? Você quer dizer *você*.

Isso me faz franzir a testa.

— Emery, Nolan te disse por que você foi colocada em uma cela de isolamento comigo? — Ele dá um passo em minha direção.

Respiro fundo, forçando minhas pernas a ficarem imóveis e firmes no chão. — Não, ele não disse uma palavra sobre você. Mas, pela conversa de vocês, parece que há algo *profundamente* perturbador errado com você. — Faço questão de enfatizar minhas palavras no final para poder observar as veias irritadas se dilatarem novamente em seus pulsos.

Ele inclina a cabeça para o lado. Um olhar inquisitivo cruza seu rosto enquanto diz sarcasticamente: — Que perspicaz da sua parte. Geralmente, as pessoas acabam na solitária quando há algo de errado com elas, e - notícia de última hora - há algo de errado com você também, se você acabou numa cela comigo.

Meu maxilar range com o comentário dele. Ele é espirituoso. *Não deixe que ele te critique*, repreendo a mim mesma.

Seus olhos são fundos e fixos apenas em mim. Minha coluna se funde à parede enquanto ele dá alguns passos largos até parar a poucos centímetros de mim. Lentamente, ele coloca as duas mãos em cada lado da minha cabeça, abaixando-se até que seus olhos fiquem na mesma altura que os meus.

Meu coração bate tão forte que consigo sentir a pulsação da minha artéria carótida contra a minha pele. Parece que não há oxigênio suficiente no ar para nós dois.

Ele está me encarando, sem dizer nem fazer nada, mas parece que está desvendando todas as minhas camadas e tentando descobrir o que me motiva.

— O que você está fazendo? — sussurro, com a garganta embargada. Ele não responde, mas seus olhos se voltam para meus lábios antes de examinar meu rosto de perto. Seu perfume é inebriante;

uma mistura de bergamota e bétula, que me lembra um lugar tranquilo na floresta onde eu costumava sentar sob as estrelas nas vastas terras da minha família.

Fecho os olhos para resistir ao seu olhar perturbador.

— Vou te matar, não é óbvio? — Sua voz é grave, carregada de intenções sombrias. Não tenho dúvidas de que ele cumprirá sua palavra.

Abro os olhos e percebo que a morte está realmente muito perto de me levar. Mesmo assim, o medo não me domina. Eu me perguntava qual seria a expressão do diabo quando finalmente viesse me buscar.

Eu o observo, percorrendo cada centímetro do seu rosto com o olhar. Quem diria que ele seria tão jovem e bonito?

— Você vai mesmo? — murmuro indiferente. Ele deve ser mais burro do que eu pensava, achando que eu não vou reagir. A esperança de liberdade que Nolan plantou na minha cabeça me deu algo para desejar para mim mesma.

Algo que eu nunca realmente tive.

Seu olhar se estreita quando estendo a mão em direção à sua cabeça, mirando na têmpora. Ele agarra meu pulso com facilidade e o pressiona contra a parede. Seu toque é frio, condizente com toda a aura de soldado traumatizado que ele exala. Respiro fundo e encaro aqueles olhos intimidantes, desejando que ele tente acabar com minha vida sem sentido.

Eu já fui rejeitada pelo meu pai. Tecnicamente, minha mãe também me rejeitou. A bondade dela para comigo nunca significou proteção contra ele. Era mais um paliativo, um pedido de desculpas por eu ser tão submissa. Tecnicamente, ela também me rejeitou.

Deixei meus braços relaxarem em seu aperto, e um sorriso suspeito surgiu em seus lábios.

Cameron me puxa para o seu peito. — Você acha que é especial, não é? Que eu não vou arrancar seu coração? — ele sussurra contra a concha da minha orelha, como um amante faria. Meu espírito vacila quando uma onda de excitação percorre minhas veias. Não sei por que amo o perigo. Talvez seja a euforia natural que tanto almejo, mas não me sentia tão eufórica desde minha última vítima.

Se ele quer jogar, então vamos jogar.

— Você nem vai me dar uma chance de arrancar o seu? — murmuro de volta docemente, acariciando sua virilha com a palma da mão. Isso o distrai do jeito que eu sabia que distrairia, seus olhos se arregalando enquanto ele respira fundo. Aproveito a oportunidade, pisando com força no arco do seu pé, entre o mindinho e o anelar. A surpresa reluz em seu rosto, e ele grunhe quando seu corpo falha, desabando no chão.

Em combates corpo a corpo, os pontos de pressão são muito úteis, especialmente contra adversários maiores. Quanto maiores eles forem, mais fácil será acertá-los.

Cameron me encara, mas em vez de parar um instante para processar o impacto da sua força física sobre ele, como eu imaginava que faria, ele agarra meu tornozelo quando tento me mover para o outro lado da cela e me puxa para o chão. Meu traseiro bate no concreto, antes que eu possa chutar suas mãos para longe da minha perna, ele me puxa para baixo e prende meus braços ao corpo com os joelhos.

Um grito sobe à minha garganta, mas me recuso a deixá-lo escapar. Mostro meus dentes para ele, lutando para me livrar de seu aperto. — Sai de cima de mim, seu idiota!

Ele se recosta preguiçosamente sobre os calcanhares e ri. Meu pulso dispara, mas tento manter a calma, já que ele ainda não me machucou de verdade.

— Você acha isso engraçado? — Eu pronuncio as palavras com os dentes cerrados e empino os quadris com toda a força que consigo.

Ou ele subestimou minha força, ou simplesmente presumiu que eu sou uma idiota em combate, porque seu corpo relaxado foi arremessado por cima da minha cabeça. Ele bateu com o rosto na parede de concreto. Num piscar de olhos, eu me levantei e recuei até que minha coluna estivesse pressionada contra a porta de aço fria do outro lado da cela.

Cameron permanece ali por alguns minutos, imóvel, com sangue se acumulando ao redor de sua cabeça. Começo a bater o pé, apreensiva com a possibilidade de tê-lo matado. Não pode ser tão fácil, não depois de Nolan ter falado tanto bem dele.

Não faça isso, ele está te provocando. Mas depois de mais alguns minutos sem que ele se mexa, a preocupação toma conta de mim. Nolan pode ficar furioso se eu matar esse cara. É óbvio que ele é importante, já

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Your Knife, My Heart K. M. Moronova" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).